

introduzem o leitor a um *corpus* de autores representativos (19). Como o faz M. Alexandre Júnior? Por exemplo, através das sínteses de descrição diacrónica do grego, sobre os dialectos e a relação destes com os géneros literários.

Outras qualidades tem este trabalho: a vasta bibliografia que o sustenta; o estudo acurado de alguns aspectos mais complexos da língua, como o das partículas; ou ainda a admirável síntese, tarefa ingente neste género de empreendimentos.

Não queremos evitar deixar uma questão e manifestar o sentimento de uma falta: a primeira, quanto à pertinência de um apêndice sobre retórica numa gramática. Ainda que entendamos a retórica como um sistema de hermenêutica de um texto, note-se que este estudo figura como apêndice, parecendo pois um tanto deslocado. Preferíamos que a gramática se restringisse a matéria linguística, merecendo a retórica obras de outro fôlego, ainda que se entenda o intuito desta inclusão: fornecer instrumentos para a exegese dos textos, sendo a gramática e a retórica dois desses instrumentos.

Pela forma como trata os assuntos, este livro deve mais à forma de um tratado do que ao de uma simples gramática. E cremos que ele será do maior interesse para todos os interessados na cultura, civilização e intelectualidade gregas e que a ela desejem aceder, através dos testemunhos apropriados, os autores.

RUI MIGUEL DE OLIVEIRA DUARTE

**João Filipe Oliveira e António Esteves Joaquim, *Signum, Signi*, Porto, Porto Editora, 2004, 272 pp. [ISBN 972-0-40230-X]**

Saúda-se vivamente a publicação de mais um manual de Latim para o Ensino Secundário, facto que, por si só, constitui um enriquecimento da oferta disponível, num mercado tradicionalmente parco neste tipo de propostas para a didáctica das línguas clássicas.

O manual *Signum, Signi*, adequado às exigências programáticas em vigor no presente ano lectivo, destaca-se desde logo pela boa apre-

sentação ao nível da capa e do grafismo, fazendo bom aproveitamento didáctico da imagem, quer através de fotografias e gravuras alusivas às temáticas mitológicas, civilizacionais e textuais abordadas, quer através de mapas e tábuas cronológicas, que ilustram e ajudam a situar no espaço e no tempo os acontecimentos históricos mais marcantes.

Partindo da enunciação do substantivo neutro *signum, signi*, que significa ‘sinal’, ‘marca’, ‘signo’, para a atribuição de um título ao manual, os Autores apresentam os conteúdos programáticos do 1º ano do Latim A estruturados em 12 unidades, nas quais explicam a origem mitológica dos 12 signos, de acordo com a evolução do ano lectivo, ao mesmo tempo que apresentam os deuses e mitos dos Romanos, bem como os momentos históricos mais importantes, partindo do século XX até à fundação de Roma. Cada unidade apresenta uma estrutura fixa, com mais ou menos vinte páginas, onde os temas de civilização e cultura vão alternando com os textos latinos, a partir dos quais se apresentam sínteses gramaticais e exercícios de aplicação. No final de cada unidade, apresenta-se o *vocabulário a reter*, a *revisão* dos conteúdos tratados ao longo da unidade e uma *ficha auto-avaliativa*.

Assentando numa estrutura bem organizada, utilizando textos de diferentes autores e épocas da literatura latina e lançando mão dos signos do Zodíaco, que poderão funcionar como factor de motivação para o estudo do Latim, este manual apresenta-se, globalmente, como bem conseguido. Há, no entanto, algumas situações que merecem uma chamada de atenção e um comentário um pouco mais detalhado. É isso que procuraremos fazer seguidamente:

1. Os textos seleccionados, desde a unidade 1, revelam um grau de dificuldade elevado para um manual de iniciação ao latim. Dá a impressão de que a escolha de textos privilegiou o facto de servirem de informação ao assunto de civilização ou de mitologia que é tratado numa determinada unidade, em detrimento da complexidade progressiva e gradual que o estudo do funcionamento da língua exige. Exemplo disso é o facto de um dos textos da unidade 4 apresentar orações infinitivas, que não fazem parte dos conteúdos programáticos deste primeiro ano de

Latim, a ponto de os Autores desaconselharem “a análise sintáctica neste texto, uma vez que recorre abundantemente a orações infinitivas” (p.76).

Por outro lado, os Autores apresentam, com frequência, a tradução do texto, ao mesmo tempo que propõem que se analisem “os casos das diversas palavras, comparando com a tradução” (p.68). Como proposta de trabalho pontual, nada temos a obstar, mas se é estratégia recorrente, os alunos podem não ganhar os mecanismos de análise e tradução do latim para o português.

Os textos apresentados no manual são, normalmente, excertos de determinadas obras. Os Autores não adoptam um critério único para a citação: os títulos tanto podem aparecer em latim como em português (exs. Santo Agostinho, *Confissões*, p.62; Higinio Mitógrafo, *Fabulae*, p.164). Acrescente-se que a citação é sempre incompleta, nunca se aludindo aos versos ou aos capítulos donde foram retirados os excertos: ex. Virgílio, *Bucólica IV* (p. 88). Neste caso, o excerto compreende os versos 4 a 7, 21 e 22, 24 e 25, mas disso não há qualquer referência.

2. A existência de gralhas e de palavras escritas de forma inconveniente é um outro motivo de reparo. Apontamos alguns exemplos: *SIGNUM* por *SIGNVM*, no título do livro; *Aires* por *Aries* (p.4); *sacerdotiza* por *sacerdotisa* (pp.97, 147, 150, 159); *Ovídeo* por *Ovídio* (pp. 4, 5, 98, 194); *misiti* por *misisti* (p.100); *isdem* por *idem* (p.134); *precidido* por *precedido* (p.193); *telus, teluris* por *tellus, telluris* (p.196); *isto era ssim* por *isto era assim* (p.200); *Numítor* por *Numitor* (p.155); *Cnaeus* por *Gnaeus* (p.243); *Pompeu* por *Pompeio* (pp.110, 264); *Júlio* por *Julo* (p.141); *omni aeternitati* por *omni aeternitate* (p.111); e *uincerunt* por *uicerunt* (p.159).

3. Surgem também gralhas ou erros na declinação e conjugação de paradigmas. Por exemplo, no presente do indicativo passivo dos verbos *statuere* e *audire* apresentam-se, respectivamente, para a segunda pessoa do singular as formas *statu-i-ris* por *statu-e-ris* e *audi-e-ris* por *audiris* (p.99), para além de se grafar a quantidade breve sobre o *-i-* do verbo *audire*, tratando-se de uma vogal temática (*auditur, audimur* por *auditur, audimur*). No quadro com a conjugação do presente do indicativo dos

verbos irregulares *ferre, uelle e ire*, a segunda pessoa do plural do verbo *fero* aparece com a forma *feritis* por *fertis* (p.145). Finalmente, no quadro com a declinação do grau comparativo, no singular e plural, apresenta-se o ablativo do singular *diuiniore* por *diuiniore* (p.173).

4. Algumas explicações gramaticais são apresentadas de forma simplista, pouco rigorosa e vaga. A propósito dos “complementos circunstanciais” diz-se que os “Complementos de tempo, por exemplo, são expressões que dão indicações temporais, sem serem frases autónomas: *hodie, in illo tempore, nunc, saepe*” (p.91), sem que o alcance de tal afirmação seja totalmente claro.

Numa outra síntese gramatical, os Autores referem que “os verbos depoentes apresentam desinências da voz passiva, mas traduzem-se como verbos activos” (p.99), faltando uma explicação relativa à noção de verbo depoente.

Quando se fala do “nominativo na frase” e das funções que este caso pode exercer na frase, sujeito e predicativo do sujeito, afirma-se que “os verbos intransitivos não aceitam complementos directos, mas alguns deles são verbos que permitem especificar as características do próprio do próprio sujeito” (p.107). Neste caso, em vez de verbos intransitivos, dever-se-ia falar em verbos copulativos ou de ligação.

Quanto aos pronomes possessivos escreve-se que “o pronome possessivo de 3ª pessoa do singular e de 3ª pessoa do plural não tem forma própria, usa-se em seu lugar o genitivo do pronome *is, ea, id*” (p.121). A este propósito deve referir-se que se ignora, no quadro, o pronome possessivo de 3ª pessoa *suus, sua, suum* e não se faz qualquer alusão à natureza reflexa ou não-reflexa do pronome. O Quadro é ainda omissivo em relação ao número: singular / plural.

A informação gramatical relativa ao “imperativo” refere que este modo se usa “para expressar ordens, o que justifica que a sua conjugação não preveja todas as pessoas verbais. No presente encontramos apenas as formas de segunda e quinta pessoas, **tu** e **vós**. No futuro imperfeito, não existe a primeira e quarta pessoas”. (p.129). Sabendo nós que há linguistas, como É. Benveniste, que apenas consideram como reais a

primeira e segunda pessoas e que a terceira é considerada como a ‘não-pessoa’, falar de uma quarta e quinta pessoa, não faz qualquer sentido.

Finalmente, a propósito das formas verbais de pretérito perfeito *condidere* e *habuere*, “forma alternativa” de terceira pessoa do plural, “com desinência *-ere*, em lugar de *-erunt*” (p.143), dá-se o título de “pretérito perfeito sincopado” a esta síntese gramatical, quando, na verdade, não se trata de uma forma resultante de síncope, mas tão só de uma outra desinência para formar a terceira pessoa do plural.

5. Nas soluções dos exercícios, que são disponibilizadas na banda lateral de cada página (manual integrado), reservadas aos professores, surgem pontualmente algumas gralhas ou incorrecções. Na página 115, o exercício 5 pede que se reescreva, na voz passiva, a frase *Eam domum Euclio cum filia una habitat*. A solução apresentada é a seguinte: *Ea domus ab Euclione cum filia una habitata est*, devendo a forma verbal ser *habitur* e não *habitata est*. No exercício 7 da página 143, solicita-se que se coloque em latim a forma verbal ‘uniram-se’. Esta é traduzida, nas soluções, pela forma *coaluuerunt*, quando esperaríamos *coaluerunt*. Na página 159, a frase “Os romanos venceram as nações vizinhas...” tem a seguinte versão latina: *Romani finitimos uincerunt* ... Neste caso, a forma de terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo deveria ter a forma *uicerunt*, uma vez que o verbo *uincere* perde o infix nasal no *perfectum*.

6. Um outro reparo prende-se com a ausência de qualquer indicação bibliográfica neste manual. Atendendo a um leque tão diversificado de autores e obras citadas, era de extrema utilidade para os professores terem acesso a referências bibliográficas completas sobre as edições consultadas, donde foram extraídos os excertos utilizados no livro. Além disso, também não há qualquer alusão quer a gramáticas, quer a dicionários. Ora, quando se diz que “no dicionário, os verbos são apresentados da seguinte forma: 1ª e 2ª pessoas do presente do indicativo, infinitivo presente, 1ª pessoa do perfeito do indicativo e supino” (p.41), poderemos questionar-nos se é assim em todos os dicionários, ou se é assim no dicionário da editora deste manual. O mesmo se pode

argumentar quando numa nota a propósito da concordância do adjectivo com vários substantivos (p.143), se remete para a página 164 da Gramática, mais uma vez somos levados a perguntar de que gramática se trata, se é a gramática publicada pela mesma editora do manual e, se for o caso, a que edição se referem.

Pelo exposto, consideramos que o manual *Signum, Signi* assenta sobre uma estrutura coerente, bem articulada, apresentando-se como um projecto inovador para o estudo do Latim, no âmbito do mercado nacional. No entanto, tratando-se de um instrumento didáctico muito importante, por vezes até mais importante que o docente da disciplina, dever-se-iam ter evitado as gralhas e as incorrecções, em nome do rigor e da clareza.

Estamos em crer que os Autores, que revelaram ter a criatividade necessária para levar a bom porto este projecto, não deixarão de proceder às necessárias alterações, a fim de que este projecto possa cumprir o seu objectivo primeiro: ajudar a aprender Latim “para melhor nos conhecermos” e “para entender melhor o mundo que nos rodeia”.

ANTÓNIO M. GONÇALVES MENDES

**Isaltina Martins e Maria Teresa Freire, *Noua itinera. 10.º ou 11.º anos. Ensino Secundário, Porto, Edições Asa, 2004, 304 pp.***

Com a reforma do Ensino Secundário e a aprovação de novos programas para a disciplina de Latim, imperioso se tornava a elaboração de novos manuais que viessem responder à nova situação em que a aprendizagem da língua do Lácio ficou agora em terras lusas.

O manual *Noua itinera* destina-se ao ano de iniciação (que tanto poderá acontecer no 10.º como no 11.º anos) e tem como autoras Isaltina Martins e Maria Teresa Freire. Para além de uma breve apresentação e do índice, aparece estruturado em seis unidades didácticas (1. Um passado sempre presente; 2. O mito; 3. A fundação de Roma; 4. Da Roma do Palatino ao domínio da Itália 5. A religião romana; 6. A vida em família)